

COMUNIDADE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM SITUACIONAL E ESTENDIDA: CONCEITOS QUE EMERGEM A PARTIR DA ANÁLISE DA EFEMERIDADE DAS RELAÇÕES

Carlos Henrique Silva de Castro
(Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)
chenriquebh@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo procura caracterizar o termo "comunidade" e destacar as diferenças observáveis nos tipos existentes. A partir da análise de bibliografia contemporânea, emergem dois tipos específicos no que se refere à efemeridade das relações. Um refere-se às Comunidades Situacionais, voltadas para atender objetivos específicos. O outro refere-se às Comunidades Estendidas que resultam de laços de relacionamentos mais fortes e duradouros.

PALAVRAS-CHAVE: Objetivos comuns, Interação, Comunidades Virtuais de Aprendizagem Estendidas.

ABSTRACT: This paper seeks to characterize the term "community" and highlight the observable differences in the existing types. From the analysis of contemporary literature, two specific types arise when we analyze the ephemerality in the relationships. One refers to Situational Communities, directed to meet specific goals. The other refers to the Extended Communities that are the result of longer-lasting relationship.

KEY WORDS: Common goals, Interaction, Extended E-learning Communities.

RESUMÉ: Le but de cet article est de caractériser le terme «communauté» et souligner les différences observées dans les types existants. À partir de l'analyse de la littérature contemporaine, deux types spécifiques émergent sous le rapport de la fugacité des relations. Le premier se réfère aux Communautés Situationnelles, destinées à répondre à des objectifs spécifiques. L'autre se réfère aux Communautés Étendues qui résultent de relations plus fortes et plus durables.

MOTS-CLÉS: Objectifs communs, Interaction, Communautés Virtuelles d'Apprentissage Étendues.

Considerações Iniciais

Os homens sempre se reuniram em grupos, motivados por diversos interesses, específicos de suas identidades. É essa organização em prol de interesses comuns que, inicialmente, sinaliza para o conceito de comunidade. Ouve-se falar em comunidade acadêmica, comunidade de países emergentes, comunidade como o espaço de socialização e inúmeras outras possibilidades. Tal termo tem sido utilizado amplamente, às vezes com pouco critério, mas podemos notar sempre que o elemento social, em alguma medida, é apontado como integrador destes grupos.

Rodríguez Illera esclarece que a palavra comunidade provém do latim *commune* e *communis*. Em uma tradução para o português, apresentada pelo mesmo autor, o termo é descrito como “conjuntamente, em comum, conjunto de pessoas que se vinculam pelo cumprimento de obrigações comuns e recíprocas e que se utiliza desde meados do século XV” (RODRÍGUEZ ILLERA, 2007: 117).

O que possibilitará a união de pessoas, para o alcance de objetivos comuns, é a interação. Sem interação, face a face ou mediada, as relações para a formação de comunidades não ocorreriam. Axt (2006) confirma tal assertiva da seguinte forma:

A base de sustentação de uma comunidade, no que tem de mais geral, parece ser fundamentalmente a *interação*. Algum tipo de *interação*, que sustente, nem que seja uma comunicação incipiente, parece ser sempre condição necessária para processos auto-organizativos de qualquer comunidade no mundo. (AXT, 2006: 259)

Assim como Axt, Kowch e Schwier confirmam a importância da interação. Para estes, “interação é a chave – e a interação depende de muitos modos de comunicação face a face ou mediada eletronicamente”¹ (KOWCH; SCHWIER, 1997)². Dessa forma, somente poderemos chamar um agrupamento de “comunidade” se evidenciarmos diálogo entre os sujeitos. Destacamos que a importância da sua formação está na interação para a troca e a construção de novos conhecimentos que se tornam possíveis apenas quando há interesses comuns. Estes interesses, por sua vez, são oriundos das identidades, trazidas por cada sujeito, a serem reconstruídas com base no diálogo estabelecido. Questões como os objetivos que levam as pessoas a se reunirem em comunidade, tempo de interação necessário à formação de uma comunidade, laços criados, qualidade das interações, entre outras, serão levantadas ao longo desta seção, a fim de estabelecermos diferenciações e aclararmos o recorte realizado neste trabalho.

¹ “Interaction is key – and interaction depends on many modes of face to face and mediated (eletronic) communication” (KOWCH; SCHWIER, 1997).

² <http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED405857.pdf>

1. Por objetivos comuns

Na literatura consultada sobre comunidades, diversos posicionamentos podem ser encontrados. Busca-se, aqui, tecer uma teia dialógica entre alguns autores e delimitar alguns conceitos que encontrem os objetivos da pesquisa no campo da educação, da interação e da linguagem. Para Silvio,

(...) uma comunidade é um tipo especial de grupo social. Um grupo social é um conjunto de pessoas que perseguem uma finalidade comum, para o qual estabelecem uma rede de relações que são produto de interação e comunicação, cuja conduta se rege por um conjunto de normas culturais e compartilham interesses, crenças e valores comuns³. (SILVIO, 2000: 249)

O autor retoma as questões da interação voltada para a busca de interesses comuns, questão levantada anteriormente. E são exatamente os interesses colocados, como normas, crenças e valores, os definidores da identidade e dos limites do grupo que o diferenciam do seu entorno e possibilitam a existência da interação.

O posicionamento de Silvio (2000) e Rodríguez Illera (2007) é reafirmado por Neirotti e Poggi (2005), que contribuem para a pesquisa sobre comunidades com diversas abordagens em estudo de projetos educativos inovadores na América Latina. Os autores trazem a concepção de comunidade, segundo Williams, que a descreve como "(...) a condição de ter algo em comum; um sentido de identidade e características comuns" (WILLIAMS, 2003 *apud* NEIROTTI & POGGI, 2005: 37). Tentam desmistificar a ideia do comunitário como sendo a sociedade tradicional ou rural. Não que não seja possível formarem-se comunidades nesses meios, mas que o termo não se limita a eles e se estende por quaisquer locais onde haja elementos sociais que unam sujeitos. E por local, entende-se que é tudo aquilo que pertence aos espaços ou lugares das relações sociais que, como as próprias relações sociais e os sujeitos e suas identidades. Espaços estes que, com a ascensão da internet, levam cada vez menos em conta as questões geográficas e cada vez mais as questões territoriais simbólicas, como o sentimento de pertença que o sujeito pode adquirir em um espaço dialógico. Neirotti & Poggi concluem que comunidade

(...) sugere, efetivamente, a ideia de proximidade por interesses comuns e por outras marcas tais como o aspecto efetivo e o sentido de pertencimento. A proximidade pode ser originada no parentesco, na vizinhança, na participação de uma cultura comum ou no exercício de atividades baseadas em interesses comuns. (NEIROTTI & POGGI, 2005: 40)

³ Tradução livre.

Barbosa acrescenta que “comunidade não é algo estático, pronto, acabado, mas dinâmico, está sempre em movimento e apresenta características específicas em determinados contextos em que estão inseridas” (BARBOSA, 2006: 40). Tal posicionamento é o indício de que há várias nuances que marcam a sua formação, de acordo com o contexto em que se encontra. Na busca de aclarar o conceito, Neirotti & Poggi (2005), utilizando do arcabouço teórico de Brint, apresentam as propriedades necessárias a um agrupamento para que este seja considerado uma comunidade. São seis propriedades: quatro que recebem o nome de estruturais e duas, culturais. Seguem-se na sequência explicitada:

Vínculos sociais densos e demandantes; filiação e implicação em instituições; rituais; existência de grupos reduzidos; percepções de semelhança (por meio de qualquer tração ou característica como, por exemplo, características físicas ou culturais, estilos ou formas de vida, experiências históricas de ‘outros’); e crenças comuns em um sistema de idéias, ordem moral ou um grupo. (BRINT apud NEIROTTI & POGGI, 2005: 40)

Problematiza-se a questão dos vínculos. Devem ser densos e demandantes? Fruto de filiação ou com implicações em instituições? Trata-se de um posicionamento extremista que descarta grande parte das “comunidades” contemporâneas, experimentadas pelo homem, como algumas virtuais, que podem ser estabelecidas por laços menos densos do que aquelas que são fruto de qualquer parentesco ou vizinhança geográfica, mas, nem por isso, serão menos demandantes que comunidades rurais ou uma comunidade de bordadeiras de sucesso que expõem, exportam, vendem. Surge, assim, uma nova questão a ser debatida: a efemeridade das relações em comunidades será um definidor de sua formação?

2. Relações efêmeras constituem uma comunidade?

Para responder à questão posta como subtítulo desta seção, utilizamos dos dizeres de Kowch e Schwier, que perceberam a tendência de comunidades surgirem com relações menos densas, na década de 1990. Para os autores, “Comunidades de Aprendizagem para o próximo século referem-se mais sobre harmonia que solidariedade ou unidade”⁴ (KOWCH; SCHWIER, 1997). Recorre-se, ainda, aos dizeres de Rodríguez Illera sobre a associação. Para este, tal termo “(...) reger-se-ia por um distanciamento experiencial e físico, um tipo de agrupamento baseado na conveniência, com uma duração temporal mais circunscrita aos interesses compartilhados” (RODRÍGUEZ ILLERA, 2007: 117). Chama especial atenção a questão temporal levantada pelo autor. Para ele, agrupamentos com “duração temporal mais

⁴ “Learning communities for the next century are more about harmony than solidarity or unity” (KOWCH; SCHWIER, 1997).

circunscrita aos interesses compartilhados” são associações. Porém “(...) o que é chamado Comunidade é algo que podemos encontrar como forma associativa de forma concreta e real” (RODRÍGUEZ ILLERA, 2007: 118). Com base no pensamento do autor, defende-se que mesmo os agrupamentos que possuem relações menos densas, se compartilham interesses e estabelecem o diálogo, são comunidades, uma vez que o diálogo e a construção de sentido só serão possíveis com a existência de objetivos e valores comuns.

Recuero, utilizando-se do conceito de Rheingold, que, segundo a autora, foi um dos pioneiros na utilização do termo “comunidade virtual”, define-a da seguinte forma:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço. (RHEINGOLD, 1995: 20, apud RECUERO, 2006: 122)

Já se adentra para o conceito de comunidade virtual, mas, por ora, avalia-se apenas a questão da efemeridade das relações no espaço comunitário. Na citação, aparece novamente a questão temporal sem uma quantificação específica. Da mesma forma, aparece referência à quantidade de pessoas e de sentimentos humanos que tampouco são quantificados ou é apresentada uma forma de fazê-lo. Sobre a quantidade de pessoas, a partir de reflexão sobre o que pontua o autor, pode-se concluir que, havendo discussões públicas, há quantidade suficiente de pessoas. Sobre os sentimentos, é possível verificar sinais de algum desses enunciados produzidos pelos sujeitos. Porém, o autor não especifica quais sentimentos e em que proporção deve ser encontrado. O simples interesse não seria um sentimento? E esse sentimento não seria comum a todos aqueles que se aproximam e estabelecem algum tipo de relação com o grupo que busca o mesmo objetivo? Crê-se que, se há diálogo, há acolhimento e grandes chances de surgimento de um sentimento de pertença.

Por ora, o que parece ser consenso e definidor do conceito de comunidade é: agrupamento de pessoas que se unem em prol de objetivo(s) comum(ns) e, para tanto, mantêm uma relação dialógica. Sobre a temporalidade, esbarramos em duas correntes. A primeira, que se aproxima das características tradicionais de comunidades, defende que, para se formar uma comunidade, deverá haver laços fortes entre os sujeitos. Tais laços se estendem por períodos de tempo mais longos e não atendem a interesses momentâneos ou passageiros. Já a segunda, que leva em conta as novas tecnologias digitais de informação e comunicação, que permitem a emergência de comunidades, admite relações mais fluidas ou efêmeras que atendem a diversas necessidades, incluindo-se aí as mais pontuais, ligadas a situações específicas. Segundo Recuero,

Wellman (1997) defende que os laços sociais estariam sendo amplificados através do desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte. Não mais restritas a pequenos vilarejos e grupos, os laços sociais seriam mais fluidos, menos fortes e mais amplos. (RECUERO, 2006: 121)

Na contramão aparece Corrêa, afirmando que “Outro aspecto relevante para a formação de comunidades virtuais é a permanência temporal, para que os integrantes se sintam realmente parte de um agrupamento de tipo comunitário” (CORRÊA, 2005: 4).

Parece sensata a definição do tempo mínimo para a formação de comunidade. E como mínimo, consideramos aquele necessário para que os sujeitos se sintam parte de uma comunidade. Crê-se que a comprovação desse sentimento de pertencimento se dará por manifestações dialógicas por parte do sujeito que é acolhido pelo espaço comunitário. Ou seja, se dialoga, faz parte do espaço comunitário. Somando-se à questão colocada anteriormente, relativa às discussões públicas (RHEINGOLD, 1995, *apud* RECUERO, 2006), considera-se que aqueles que fazem parte de tal discussão são os sujeitos dessa comunidade. Acredita-se que o fator efemeridade das relações é um diferenciador de dois tipos de comunidades que emergem no início século XXI. O primeiro trata das comunidades com laços mais pontuais e o segundo será uma extensão do primeiro, na medida em que os laços entre os sujeitos se fortalecem e podem deixar de ser efêmeras.

3. Comunidades Virtuais

Com o avanço das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), configura-se um novo tipo de comunidade até então não conhecido: as comunidades virtuais. O termo Comunidade Virtual (CV) sugere as relações proporcionadas pelos diferentes fenômenos relacionados à interação mediada pelo uso do computador. Ou seja, trata-se de uma comunidade com as características já relatadas - valores e interesses comuns que oportunizarão a interação e o desenvolvimento de laços com densidades distintas - que contará com mediação via internet, utilizando-se de todo o aparato tecnológico disponível, que possibilitará a dialogicidade por meio de textos, vídeos, áudios, etc. As CVs emergem juntamente com as novas possibilidades de diálogo e ampliação do local - local como a prática social pertencente a determinado lugar, mesmo se tratando de um lugar simbólico - proporcionados pela internet. Compartilham as mesmas ideias, Kowch e Schwier. Para estes, “Comunidades Virtuais de Aprendizagem são comunidades de aprendizagem baseadas não na

geografia real, mas em propósitos compartilhados”⁵ (KOWCH; SCHWIER, 1997). E ainda apontam a importância da tecnologia, sobretudo no que diz respeito à superação das limitações geográficas:

Através da tecnologia, os aprendizes podem se reunir a partir de praticamente qualquer lugar, e podem construir os seus próprios grupos formais ou informais. Assim, comunidades virtuais de aprendizagem são separados por espaço, não por tempo, uma vez que a comunicação pode ser facilitada pela tecnologia em tempo real, superando parcialmente as inibições geográficas.⁶ (KOWCH; SCHWIER, 1997)

Sartori (2003), em sua descrição de CV, confirma os pressupostos adotados para este trabalho. Para a autora, a questão da sociabilidade continua presente, mesmo quando se trata de comunidades formadas por sujeitos que podem estar distantes no espaço e no tempo e interagem no ciberespaço. E, antes disso, ela traz o diálogo ou debate como elemento essencial à sociabilidade. Diz-nos a autora: “Através da ação a distância é possível o desenvolvimento de novas sociabilidades e subjetividades, tornando-se um espaço que materializa a comunicação, a cultura e a educação” (SARTORI, 2003: 1).

Com base na fala da autora, confirma-se que relações menos efêmeras são possíveis de serem construídas na internet, uma vez que a materialização da comunicação, da cultura e da educação pode ocorrer em relações menos densas. Sartori aponta, ainda, a partir das análises dos conceitos de CV, apresentados por Rheingold e Vilches, a existência de um sentido de pertencimento e de um projeto em comum propiciados pela comunicação que os sujeitos desenvolvem no espaço virtual. Para a autora,

(...) o senso de pertencimento é possível em virtude de uma territorialidade simbólica, manifestada nas ações executadas a distância. Eles participam, emitem opiniões, constroem novos significados, tecem uma rede de cooperação oportunizada pelo processo de comunicação bidirecional. (SARTORI, 2003: 6)

Na mesma linha de raciocínio, manifesta-se Peruzzo. Utilizando-se do arcabouço teórico de Palácios, a autora afirma que

o sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a definição de uma Comunidade, desencana-se da localização: é possível pertencer a distancia. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face a face) por outra (a distância), mas possibilita a co-existência de ambas as

⁵ “Virtual learning communities are learning communities based not on actual geography, but on shared purpose” (KOWCH; SCHWIER, 1997).

⁶ “Through technology, learners can be drawn together from almost anywhere, and they can construct their own formal or informal groups. As such, virtual learning communities are separated by space, but not time, as communication can be facilitated by technology in real time, partially overcoming geographical inhibitions” (KOWCH; SCHWIER, 1997).

formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas. (PALÁCIOS apud PERUZZO, 2002: 11)

Kowch e Schwier (1997) pontuam que a ideia de construção é central para a noção de CV. Esclarecem que, para satisfazer aos requisitos de uma CV, a tecnologia dá condições aos sujeitos de negociação, intimidade, compromisso e engajamento, sem os quais a formação de uma CV não seria possível.

4. Comunidades Virtuais de Aprendizagem Situacionais e Estendidas

Para Rodríguez Illera, o que definirá uma Comunidade de Aprendizagem é o objetivo educacional. Segundo o autor,

(...) a influência educativa está situada em primeiro lugar, de maneira explícita e intencional, repensada ou matizada por enfoques teóricos que contemplam a influência entre iguais, o consenso democrático sobre os objetivos de aprendizagem, ou situar os interesses dos aprendizes no centro da ação educativa, mas sempre no contexto de um processo educativo majoritariamente situado no interior de uma instituição educativa que o assegura e o tutela. (RODRÍGUEZ ILLERA, 2007: 121)

Assim, trata-se agora de um espaço comunitário que se diferencia dos demais pelo objetivo específico da educação e pelo amparo de uma instituição educativa. Não se defende aqui que ambientes educativos não-formais não contribuam para a aprendizagem. Muito pelo contrário. Desses espaços também emanam novos significados e, portanto, contribuem para a aprendizagem. Porém, o diferencial que definirá se uma comunidade é ou não de aprendizagem será o objetivo voltado para tal e o amparo devido de uma instituição educativa.

Unindo os conceitos de comunidade de aprendizagem e comunidade virtual, obtêm-se o conceito de Comunidade Virtual de Aprendizagem.

Considerações Finais

A discussão realizada trata-se de um debate incipiente que pode encontrar posicionamentos diferenciados entre um autor e outro. Porém, parecem coerentes as conclusões às quais se chegou neste processo. Quais sejam:

- 1) Comunidade refere-se a um agrupamento de pessoas que se unem em prol de objetivo(s) comum(ns), definido(s) pelas suas identidades, e, para tanto, mantêm uma relação dialógica capaz de levar adiante discussões públicas, tal como defendem Sívio (2000), Recuero (2006), Backes (2007), Rodrigues Illera (2007) e outros.
- 2) O que diferencia as comunidades virtuais de outras é a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação como mediadoras da interação que ocorrerá a distância.
- 3) O que diferencia comunidades de aprendizagem de outras é o objetivo específico da aprendizagem.
- 4) Os fatores tempo, quantidade de interações e laços criados aparecem como definidores de dois tipos específicos de comunidades. O primeiro diz respeito àquele cujas relações possuem uma duração temporal circunscrita aos interesses compartilhados, tal qual descreve Rodríguez Illera (2007), e prioriza a harmonia sobre a unidade, tal como descrevem Kowch e Schiwer (1997). Concebe-se, assim, o conceito de “Comunidade Situacional”, uma vez que está circunscrita a objetivos específicos. O segundo diz respeito àquelas cujo engajamento dos sujeitos contribui para a criação de vínculos densos nas relações, tal como descrevem Neirotti & Poggi (2005). Para este, adota-se o nome de “Comunidade Estendida”, uma vez que os laços se estendem para além dos objetivos inicialmente compartilhados. Entende-se, ainda, que a segunda inicia-se a partir da primeira, na medida em que os laços se tornam mais densos, seja por mudança de objetivos na interação ou pelo objetivo não se esgotar. Alguns objetivos perduram por toda a vida, como, por exemplo, comunicar-se pelo simples motivo de se ter alguém para compartilhar sucessos, insucessos, planos, metas; comunicar-se com um grupo de profissionais que sempre nos traz novidades de um meio em que estamos inseridos; entre outras razões. Esclarecemos que, tal como afirma Corrêa (2006), há um tempo mínimo para que qualquer um dos tipos se efetive. Trata-se do tempo de aparecimento do sentimento de pertença, que se traduz, conforme explicitado ao longo do texto, no tempo necessário para a ocorrência da interação. Combinando esses diferentes tipos, encontramos as CVAs Situacionais e as CVAs Estendidas que certamente apresentam diferenças significativas na construção do conhecimento que devem ser exploradas e compreendidas.

Os conceitos delimitados ao longo deste artigo atendem ao objetivo traçado para o trabalho. Contudo, a pesquisa nesta área ainda apresenta muitas lacunas que poderão ser preenchidas a fim de se conseguir importantes contribuições para as questões sociais e, sobretudo, educacionais.

Referências

- AXT, Margarete. **Comunidades virtuais de aprendizagem e interação dialógica**: do corpo, do rosto e do olhar. Filosofia Unisinos. Rio Grande do Sul: Unisinos, n. 7, set/dez 2006, p. 256-268.
- BACKES, Luciana. **Ambiente virtual de aprendizagem**: formação de comunidades virtuais? Filosofia Capital [on-line]. Rio Grande do Sul, vol. 2, ed. 4, 2007. Disponível em: <http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/viewPDFInterstitial/39/32>. Acesso em: 02/11/2009.
- BARBOSA, Aurea Elaine Tozo. **Comunidade de aprendizagem em curso on-line**: um estudo de processo de formação. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 147f. 2006.
- CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. **Comunidades virtuais gerando identidades na sociedade em rede**. Revista Portugaliza. [on-line], n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.portugaliza.net/numero02/boletim02nova05.htm>. Acesso em: 12/03/2010.
- NEIROTTI, Nerio; POGGI, Margarita. **Alianças e inovações em projetos de desenvolvimento educacional local**. Brasília: IIEP - International Institute for Educational Planning, UNESCO, 2005.
- PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Comunidades e tempo de redes**. In: PERUZZO, C.M.K.; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel (Orgs), *Comunicación y movimientos populares: ¿Quais redes?* Porto Alegre: Unisinos, 2002.
- RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades em redes sociais na internet**: proposta de tipologia baseada no fotolog.com. Tese (Doutorado) - Doutorado em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 334f. 2006.
- RODRÍGUEZ ILLERA, José L. **Como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação**. Revista de Ciências da Educação, 3, mai./ago. 2007, p. 117-124. Disponível em: <http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/sisifo03PTConf.pdf>. Acesso em: 26/05/2010.
- SARTORI, Ademilde Silveria; ROESLER, Jucimara. **Comunidades virtuais de aprendizagem**: espaços de desenvolvimento de socialidades, comunicação e cultura. In: SIMPÓSIO: E-AGOR@, PROFESSOR? PARA ONDE VAMOS? 2, 2003. São Paulo: COMFIL-PUC-SP/COGEAE Disponível em: <http://www.pucsp.br/tead/n1a/artigos%20pdf/artigo1.pdf>. Acesso em: 12/11/2009.
- SILVIO, José. **La virtualización de la universidad**: ¿Cómo transformar la educación superior con la tecnología? Caracas: IESALC/UNESCO, 2000.